

## Clemência

Kleber Mazione Lima Ferreira<sup>1</sup>

Talvez tardia. Conheci seu nome, não seu rosto. Um cariz desnecessário para um nome tão imponente. Levava de sonho a bacia de roupa empinada sobre a cabeça. Nunca de alarde. Sempre ali, crescendo e envelhecendo conforme do seu lugar. Na lida se esquece de tudo, vez outra, até dos sonhos. Quem julgaria sua dor, quando na sua mente cantarolava qualquer reza, qualquer música batida no rádio velho. Sua voz melodiosa pra dentro, sem partilhas.

Clemência, não divulga, mas julga. Julga na candura do que pode julgar, nas palavras que pode enxugar. Passa café e bate roupa. Já passada da idade de moça, veste-se da poeira que entupiu sua cadência. Puídos seus vestidos, lava com a força da novidade. Merecida atenção aos detalhes pra vencer o dia. Engole com pressa o café que passa às 5h da manhã, apressada, atenta, entra na lida, não sem antes olhar pela janela de madeira. Solta a tramela pra fixar o longe.

Seu José passa sempre nesse horário, cumprimenta sadiamente. Envolve o dia dela com voz austera. Acorda Clemência de seus pensamentos. Ele sempre passa perfumado. Cheio de si, no seu linho conforme, blusa listrada, chinela no dedo. Clemência volta pra casa, adentra os cômodos, arranja seu lenço de cabeça, esquece seus pensamentos. Ajeita na gaveta as roupas já cuidadas. Guarda nos compartimentos seus poucos panos, seus retalhos de vestir. No canto, o vestido de predileção. Flores espaçadas que tomam conta da estampa. Flores com matizes diferentes, sobrevividas da lavadura, do sabão de mamona, do esfregão, das traças. Descobriu a naftalina. Odor que mistura com os odores imaginários dessas flores.

Nunca foi de sair, ir a bailes, participar das festas religiosas ou mesmo da afamada festa da cidade. Se tinha afetos, não revelava. Sentia que o contato com homens era grave. Na escola, lia estórias de amor encastelado, das fábulas das donzelas. Em casa, lia a bíblia, atentava ao sermão do pai: não vá manchar o nome de nossa família. Ou qualquer desgraça parecida.

Se teve afetos, guardou pra si. Se teve desejos, jogava na força dos braços. Maria Joana, sua vizinha de frente, ficara loca. Marido saiu pra corte de cana e não voltou. Deixou a pobrezinha com três crianças. Observava de cabeça baixa a situação.

Viu uma mulher sucumbir. Perder seu viço do dia. Perder a mão pra seguir. Acompanhou a tristeza cadavérica. Vez ou outra, levava biscoitos escritos, rosca. Tecia uma conversa sobre tempo. Quando Joana dava de comentar, sobressaía com pressa. Afazeres. Chegava em casa com a cabeça mais baixa do que de costume. Perdia a energia, ficava um pouco tonta, andava pela casa sem saber qual ação tinha planejado. Joana mexia com ela. Importunava sua alma.

---

<sup>1</sup>Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UFMG) e professor de Língua Portuguesa, Redação e Espanhol do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) - Campus Avançado Itabirito.

Abria vincos profundos, feito roçado. Enquanto debulhava o feijão, veio à mente a inação da pobre vizinha. Sentiu um leve calafrio. Agitava mais os dedos, acelerava o processo, mudava de posição na cadeira, enxugava a testa.

- Passar bem, Joana.

Era só o que podia dizer. Era o que sua palavra alcançava. Seu feijão catador escapava pelos dedos, assim como o seu dizer. Só resmungava... mulher aborrecida, dizia seu velho pai. O sebo nos dedos denunciava a sua sujeira. Esfregava no fim da tarde os dedos, esfregava com força, esfregava até se limpar. Conformada que não estava com o curso das coisas. Meados de julho, ainda frio. Sempre comprava mais creme para as pernas, sua mãe era quem mais sofria. Pernas cinzentas. Andava leniente, sentia o peso nas costas. Os pés inchados já não aguentavam tanto tempo curvada pra lavar no córrego os seus vestidos e as peças de casa. O crochê do filtro andava encardido. A mãe reclamava da demora com os afazeres.

- Clemência, sai da janela. Caçar serviço.

Ralhava a mãe.

Maria Joana mudou-se pra São Paulo. Atou com o marido e fez mala. A casa, tapera velha, acabada, abandonada, quase caída. Dizem que se foi ainda sem o juízo pleno. As crianças que fizeram as malas, é o que se escutou depois. Aquela casa virou um assombro. Os gritos de angústia, de desespero, se ouvem das paredes. A penumbra levou o sentimento de Joana e sussurravam seus segredos e de outros, em deriva.

A casa de Joana deixou seu legado, seus escombros, ruínas andantes. Dois quartos, uma cozinha embolorada, o teto com telhas salinas já quebradas. Bichos se abrigavam lá.

Clemência já nem direcionava o olhar pra vizinhança. Seu tempo de pesos começara. Nenhum vestido mais lhe servia, nem mesmo o guardado na cômoda. Acordava ainda com suas obrigações na cabeça, o corpo não respondia, sentia náuseas extremas. Sempre evitando olhares. Olhava mais pro chão de cimento queimado do que de costume. Assoprava a lenha no fogão com um sopro que puxava o ar quente pra seus pulmões.

Na janela de madeira cujo sol entrava pelas frestas, a tramela não se abria tão cedo. Passava menino Joaquim pra lhe dar um recado gutural. Deixava a mensagem no silêncio de suas queixas. Resolveu dizer: não quero mais. Que suma! Recebera um perfume, numa caixa, que amarrou rapidamente numa sacola e logo escondeu.

Clemência percebeu a gravidade do seu corpo, sentiu que o inchaço não era por conta de suas juntas, cansou de besuntar. Pensou no perigo de ser mulher.

Filha única e com cuidados com os pais, pegou a vassoura de piaçava e limpou cada cômodo, juntava as cinzas. Enquanto varria, sentiu um leve calafrio, pensou nos remendos do povo, na falação sobre sua vida, no que de costume fazia, na família de outros que invadia. Na solidão de não dizer, criou pra si a ilusão de um amor. A casa era sua família. A beleza e a virtude de

sua vida era conduzir placidamente cada obrigação, servir pra que seus pensamentos tivessem a amarração, como dessa vassoura.

- Filho de quem?

A pergunta inevitável circulava a cidade. Vozerio que crescia como bolor na casa de Joana. O cheiro acre das infamidades debatiam na cabeça.

As visitas das testemunhas de Jeová não viam mais seu cariz, sua pelagem. Ouvia do seu quarto as instruções de salmos, a obediência à palavra. Católicos, ninguém negava os termos da bíblia.

Pensava em sua alcova sobre o infortúnio. Ovelha perdida, talvez seja. Virava de lado e contemplava a santa, a padroeira, com seu manto azul, rosto enegrecido. Pires sustentavam o amontoado de parafina. Toco de vela sem acender. Amarradas em vários pontos do braço da santa, estavam as fitinhas da Lapa, de Bom Jesus, das promessas.

Nunca fizera romaria, mas sempre recebera acessórios religiosos. Lembrou de São Paulo, da Aparecida, lembrou-se de Joana.

Pensou em como a casa dessa pobre mulher virou também seu lugar de dor. Dor não. Talvez de fuga. Por que Joana lhe dera a incumbência da chave? Poderia ter dado a Ana, a vizinha do lado. Se era por birra que a situação toda lhe sucedera, não compreendia os desígnios da santa. Sempre rezara. Sempre nas novenas em casa. Atava nas janelas as cores das celebrações em épocas de semana santa. Nunca desejou o mal. Implorava pela saúde dos pais. E jamais pensou em se casar.

De sina ou de ruína, o fato é que Clemência entregara a chave. A casa da pobre Joana foi posta à venda. E ela apresentava a cada comprador o que era o espaço. Se incomodou no início, depois viu naquela atividade a quebra do dia. Vinham pessoas de outros bairros, já foram vistas até pessoas de outras cidades interessadas na tapera. Poucos interessados e muitos sem dinheiro. A região não era ruim, a cidade que era pequena. O bairro quase que não tinha iluminação. E se via os fios de água de esgoto perfilando pelas ruas.

Apareceu na terça-feira o homem de linho. Chegou no fim da tarde. Pediu pra ver a casa. Antes do cair do sol, pois luz a casa já não tinha. Clemência tirou a chave de cima da geladeira. Acompanhou até a casa.

- Essa casa não cabe uma família. Afirmou decidido.

- Pequena e cheia de reformas. Emendou Clemência.

No quarto, nos escombros deixados, havia a cama, madeira resistente. Colchão podre, embora ainda forrado com o lençol. Mas se podia ainda notar seu florido.

Clemência mudava de fisionomia sempre que chegava o recado. Sabia das descrições. Sabia da oferta e do que estava entregue. Nunca aflorou tanto. Depois do *Angelus*, 18h, seus pais alinhavam-se na cama. Pedia benção. Antes de se encaminhar na direção da outra casa, soprava

a vela. Banhava como de costume. Pensava em colocar seu vestido predileto, mas não fazia sentido para a poeira, os escombros, a sujeira.

Arremedo de uma vida. Vivia se sentindo presa na vontade de ter aquele momento. Não sabia descrever quais sentimentos cultivava, tinha prazer, mas apenas no corpo. Foi aprendendo a dormir com ele. Deitar e esperar que fizesse o que suspeitava ser o correto. Terminavam furtivamente, terminavam em silêncio. Ele colocava novamente sua blusa, abotoava vagorosamente sua camisa listrada e afivelava o cinto. Ela apenas vestia seus panos, saía ainda trêmula. Cuidadosa para que não a vissem, jogava o lenço no rosto. Entrava pelos fundos de casa. Bebia a sua água do filtro com o crochê encardido. A frieza do copo de alumínio acalmava seus ânimos.

Podia deitar em sua cama, sem olhar pra santa.

Embuchada. Desgraçada. Pobre Clemência havia usufruído da pobreza da Joana. Sabia que tinha sido encurralada pelo pior castigo. Não adiantaria preâmbulos. Teria que lidar sozinha. Tomava chá vez ou outra. Passou médico e concluiu sem remendos, sem costura.

Engravidou sozinha. Olhou sozinha a tristeza do pai. Acamados, os pais já nem lembravam o que crescia dentro da filha. Não se indagava de quem.

Sinhá, esposa do homem de linho, ouviu estremeçada os dizeres. Sabia das consequências do infortúnio. Três filhos, tinha ela. Chegou a informação pela manhã, sua filha do meio contara. Vinha com a sacola nas mãos, percebia os olhares. Um prato de farinha nunca havia pesado tanto em suas mãos. Sinhá soprava a lenha. Soprava com força pra fora.

O almoço posto. Falavam sobre a dificuldade com os abastecimentos, falavam dos ordenamentos, falavam da lida. Sinhá esfrega com mais força seus vestidos.

Clemência já não saía de casa, mas precisava comprar remédios para os seus. Passou pela derradeira rua. Sinhá postada em sua janela, alta, esverdeada, mirou aquela passada.

Seu corpo não se moveu da janela. Magra, dominava no olhar aquela mulher. Dignificou sua postura e ficou. Clemência passava com pesar, sabia da observação. Depois de vencida a janela da casa, da família, sentia suas pernas mais fracas. Passou. Sinhá deu passo pra trás, caiu em sua casa. Faleceu naquela mesma tarde.

O povo já não dificultava a causa. Sabiam o que a ruindade de um desgosto causava. No velório, passavam muitos e deixavam suas preces.

Monolo, doido varrido da cidade, gritava desde si:

- Sinhá não vai me dar mais bolo, Sinhá me dá bolo de fubá.

Qualquer séquito, qualquer reza, qualquer encomenda. Sinhá finada.

Clemência se atou em sua casa. Seus pais faleceram. Ninguém viu criança. Sobrou dizeres. Alguém chegou a ensaiar uma visão da pobre mulher com criança no colo. Talvez na rodoviária. Talvez o taxista tenha feito silêncio. Nada de conclusivo.

Sua vizinha, viu em véspera, Clemência colhendo roupas do varal. Roupas mudamente recolhidas.

Clemência, Clemência, Clemência.

Parei de frente a casa. Chutei um punhado de areia. Soprava um vento quente, ar que não refresca nem revela novo tempo.

Clemência talvez tivesse realizado sua derradeira romaria, São Paulo. Aparecida. Penso em velas votivas... na santa.

Sobreveio um sopro ainda mais quente e um desejo: sopra pra mim o nome do filho que meu pai te deu, sopra pra mim o irmão sem rosto. Dá nas minhas mãos um nome, que eu te ajudo na composição desse varal de roupas.

Ou então, só me ensina a reza do silêncio.